

nãõ sei
quantas almas
tenho

CEFAS CARVALHO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Vaca atolada

Ah, é muito fácil fazer vaca atolada, não tem segredo nenhum. Isto é, segredo tem, e veio de minha avó Maria, mas isso a gente não fala para ninguém, segredo é segredo, ainda mais em coisas de cozinha. Mas todo mundo sabe que você pega mandioca descascada e picada, uns quatro tomates bem vermelhinhos, cebola, cheiro-verde à vontade, costela de boi cozida, pimenta cumari e pimenta de cheiro. Minha avó dizia que pode colocar qualquer pimenta, mas a de cheiro tem que ter. Vó fazia vaca atolada para meu avô Tonho. Ele comia até não poder mais. Bebia muito também. Às vezes chamava os amigos para comer vaca atolada e beber cana com caju e seriguela. Eu gostava de vô Tonho. Não gostava era quando ele bebia demais e começava a gritar. Um dia bateu em vô Maria e na frente de todo mundo. Os homens lá bêbados rindo. Uma confusão.

Bem, mas quanto à receita, primeiro a gente refoga a mandioca e deixa cozinhar. Quando já estiver macia, coloca o tomate bem picadinho, depois a cebola e deixa cozinhar mais um pouco. Quando o cheiro subir pela casa toda,

como dizia minha avó, coloca na panela a costela e deixa apurar e cozinhar por uma meia hora em fogo alto, que é o tempo de tomar uma lapada, que ninguém é de ferro. Meu avô não se importava que a vó bebesse uma cachacinha, mas tio Ramiro fazia cara feia quando a via bebendo. *Mulher que bebe é coisa feia*, dizia ele. Tio Ramiro, sempre mal-humorado, sempre ranzinza, também não gostava de me ver bebendo. Dizia que meus pais bebiam e isso estragou a vida deles. Papai eu sei que morreu de cirrose. Minha mãe sumiu no mundo, talvez estivesse bebendo em algum lugar. Fui criada por vó Maria, entre as dificuldades, o carinho e os cheiros de comida sendo feita em panelas imensas, que ela tanto cozinhava para fora como para os de casa.

Passada meia hora, vamos voltar à vaca atolada, joga o cheiro-verde e a pimenta de cheiro na panela e deixa cozinhar em fogo baixo mais uns cinco minutinhos, só para pegar o gosto. Tem gente que faz na panela de pressão. Vozinha me ensinou a fazer na panela mesmo, que é para o cheiro subir e para a carne desmanchar do modo certo. E se demorar a cozinhar, melhor, que dá tempo para beber a cachacinha antes.

Para servir, pode colocar a vaca atolada na cumbuca mesmo. Meu avô Tonho queria que o servisse lá na roda com os amigos, um com violão, outro com cavaquinho, a maioria só batendo palmas e bebendo, bebendo. Vô gostava de pimenta e pedia para que já a colocássemos na cumbuca dele. Homem que é homem toma vaca atolada com pimenta, dizia ele aos gritos. Como eu disse, eu gostava

de vô Tonho. Mas, teve aquele dia que ele bebeu demais e não gostou que vizinha não colocou pimenta na cumbuca dele. Ficou nervoso, eles discutiram e ele bateu com a mão fechada na cara dela. Foi uma confusão. Corri para o meu quarto e me tranquei lá até passar o furdunço. Depois, na cozinha, tive que organizar o quebra-quebra, os copos aos pedaços pelo chão, panela revirada, um inferno!

No final de semana, vizinha e vô Tonho já estavam bem de novo. Quem não estava bem era tio Ramiro. Reclamava de tudo, e quando eu estava na cozinha terminando de colocar as pimentas na panela, ele chegou por trás de mim para reclamar que eu estava exagerando na pimenta. Tentei me afastar e ele disse que eu não deveria beber. *Bebida é coisa de mulher vagabunda!*, resmungou.

À noite, eu já meio bebinha, tive uns sonhos bem esquisitos. Primeiro sonhei com um fantasma no quarto, como se alguém estivesse entrando. Depois, um pesadelo com uma mão no meio de minhas pernas, uma sensação incômoda, junto com um cheiro esquisito. O sonho e a sensação terminaram ao mesmo tempo com um grito lá do quarto dos meus avôs. Vô Tonho havia sofrido um infarto. Chamaram ambulância, ligaram para os parentes, mas não teve jeito, quando chegaram ele já estava morto. Bebia e comia demais, disseram os parentes no velório. Uma pena. Vizinha manteve o luto por umas duas semanas, depois anunciou que faria uma vaca atolada no domingo. A casa da gente encheu. As primas dela e as amigas que evitavam nossa casa por causa das bebedeiras do vô e da gritaria da

macharada foram todas. Eu fiz a vaca atolada praticamente sozinha, a vó estava mais bebendo com as mulheres do que na cozinha. Só três homens estavam naquele momento, Cadinho, primo meu, tio Edevaldo, que estava na cidade, e tio Ramiro.

Naquela tarde, fiz a vaca atolada com menos pimenta e mais salsinha e cebolinha, além de colocar bem mais tomate, bem madurinho. Todas gostaram dessa variação da receita. As tias consolavam vozinha pela perda do avô Tonho, enquanto ela repetia: *É a vida, tudo acontece conforme deus quer*. E me mandou levar uma cumbuca para tio Ramiro, que estava de cama com gripe. *Vaca atolada cura até dor de dente, imagine uma gripezinha de nada!*, riu a vó, que parecia mais feliz do que nunca.

Caprichei na pimenta que tio Ramiro gostava e quando cheguei ao quarto dele, com a cumbuca, o vi deitado na rede, como se estivesse dormindo. Achei melhor deixar a vaca atolada no chão pertinho da rede para ele acordar com o cheiro, mas quando me agachei para colocar a cumbuca no chão sem fazer barulho, senti uma mão nas minhas costas. Levantei o rosto e ele continuava dormindo. Percebi então que estava nu, na rede. Saí rapidamente e voltei para a cozinha para tomar uma lapada de cana. Vozinha me chamou para dizer que a vaca atolada estava maravilhosa. *Essa menina vai cozinhar melhor do que eu!*, gritou para as irmãs e amigas. Mas todas disseram que o da avó ainda era melhor. Tinha um segredo a mais que eu ainda não conseguia fazer igual.

De repente, todo domingo havia festa, vaca atolada e música lá na casa de vizinha. De vez em quando até tinha uma confusão, sabe como é, muita gente bebendo... Mas, nada grave, a turma do deixa disso vinha e resolvia e todo mundo voltava para a festa. Aí chegou o meu aniversário de dezoito anos, e vó resolveu fazer festança para a família, as amigas e a vizinhança toda, quintal cheio de gente, música e bebida. E muita comida, claro. Tinha feijoada, rabada e a vaca atolada que era a marca registrada de vó Maria, e o que mais pediam para ela fazer. Daquela vez nós duas fizemos juntas, que era para eu ver se pegava o tal segredo.

Na festança, muita gente ficou bêbada, muita gente falando alto, uns querendo brigar, mas, no fim, nada de ruim aconteceu. Só eu que bebi mais do que devia, no fim da noite, já não sabia nada de nada, acho até que estava rindo de qualquer coisa besta e falando bobagens, quase caindo de tão tonta, dando trabalho, até que vó Maria e as tias se cansaram e mandaram tio Ramiro me levar para meu quarto. Não me lembro de quase nada, só dele me segurando, senão eu caía de cara no chão, dele me botando na cama, dizendo que eu havia bebido demais, e que bebida era errado para mulheres, e que dormir de roupa era ruim e que foi tirando minha roupa, e que eu dormisse que iria acordar melhor, e que já tinha dezoito anos e que a menininha era uma mulher feita, e que eu era a sobrinha mais linda dele, e que quem bebe não sabe o que faz, e que minha mãe virou uma vagabunda de tanto beber, e que minhas pernas eram bonitas demais, e que eu estava prendada e já já iria casar, e

que mulher que bebe nenhum homem leva sério e de tanta conversa e tantas sombras passando pela minha vista, eu já bebinha, como lembrar de alguma coisa, fui dormindo, apagando até que, pronto, não lembro mais de nada.

No dia seguinte, a ressaca, o sangue seco entre as pernas, a mancha vermelho-marrom no lençol branco, uma sensação esquisita de dormência. Corri para o banheiro para vomitar. Essa moça está de ressaca braba, diverteu-se minha avó. Tomei um banho, vomitei mais um pouco, e fui para a mesa do café da manhã. Vó Maria bem animada com o sucesso da festa, as tias, as primas. Tio Ramiro no canto da mesa, tomando seu café sem levantar os olhos e resmungando: Mulher beber demais é errado e é feio! Deixa a menina beber, Ramiro, ralharam as tias. Tentei beber o café com leite, mas veio o engulho e lá fui eu para o banheiro de novo. Passei o dia enjoada, de cama. Vó me levou chá de boldo e pão com manteiga passado na frigideira. Pensei em contar a vó. À tarde, vi que tinha menstruado. Desisti de contar. Contar o quê exatamente?

Passou o tempo, vó andou doente e as festas aos domingos rarearam. Cuidei de vó, fiz comida para fora, voltei a estudar, a vida foi seguindo, como deus quer. Uma noite, febril, vó Maria começou a lembrar de vô Tonho e contou um monte de coisas sobre ele. Que ele fazia com ela quando ela não queria, que ele batia nela quando estavam os dois sozinhos no quarto. *Quis Deus levá-lo daqui, não é, vizinha?* Comentei. *Foi, sim, minha filha, mas tem vezes que a gente precisa ajudar a deus para que as coisas aconteçam*, disse. Arregalei

os olhos e ela riu, lembrando que tinha que me ensinar mais sobre os temperos certos para as coisas certas. *Minha filha, disse a vó, tem tempero que você coloca na panela, para dar gosto à comida como um todo e tem tempero que você deixa para colocar na cumbuca da pessoa, que é o tempero especial dela.* Foi uma longa conversa durante quase a noite toda.

Na semana seguinte, vizinha já estava firme e forte e decidiu fazer uma festa no quintal. Fez uma caldeirada, um amigo dela havia dado quilos de peixes recém-pescados, mas me incumbiu de fazer a vaca atolada, prato que jamais poderia faltar.

Na mesa enorme lá de fora o pessoal se divertindo. Eu mexia a panela pouco depois de ter jogado os pedaços de costela quando senti atrás de mim uma respiração na minha nuca. *Está cheirosa essa vaca atolada,* disse Tio Ramiro. Não falei nada. Ele continuou: *Não vai beber?* Respondi que não. Pois deveria, ele disse. *O senhor sempre diz que é feio mulher bebendo,* falei. *Mas, uma vez perdida não faz mal, não,* disse, já saindo da cozinha. Nervosa, voltei para a panela.

Minha vaca atolada foi um sucesso. Todas as tias, tão exigentes com comida quanto pouco eram para homens, aprovaram e disseram que estava praticamente igual a de vó Maria. No final da tarde, arrisquei de leve beber uma cachacinha com caju, quando ouvi minha avó gritar: *Minha filha, leve uma cumbuca de vaca atolada para seu Tio Ramiro, que ele pediu!*

Obedeci. Ao entrar no quarto, percebi que ele estava deitado na rede com uma toalha apenas o cobrindo. Entreguei



Cefas Carvalho é jornalista e escritor, nascido em São Paulo (SP) em 1971 e residente em Natal (RN). Tem dez livros publicados, entre eles o romance *Os olhos salgados* (Penalux, 2017) e a coletânea de contos *Noite passada sonhei que alguém me amava* (Penalux, 2019).

E-mail: cefascarvalho@gmail.com

Facebook: [/cefascarvalho](https://www.facebook.com/cefascarvalho)

Instagram: [@carvalhocefas](https://www.instagram.com/carvalhocefas)

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Andada pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em dezembro de 2021.
